

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v20i36.1003>

O LUGAR DO YOUTUBE NO ENSINO DE HISTÓRIA: possibilidades para o uso do YouTube em sala de aula¹

THE ROLE OF YOUTUBE IN HISTORY TEACHING: possibilities for using YouTube in class

EL LUGAR DE YOUTUBE EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA: posibilidades de uso de YouTube en la clase

JULIANA ALVES DE ANDRADE

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8807-5327>

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Recife/Pernambuco/Brasil

julianadeandrade.ufrpe@gmail.com

PEDRO BOTELHO ROCHA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1328-0788>

Doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Recife/Pernambuco/Brasil

p.botelho.historia@hotmail.com

Resumo: O YouTube é um site que recebe, exibe e compartilha vídeos on-line, sendo ele o segundo mais acessado do mundo, perdendo apenas para o Google, empresa que o administra desde 2006. Paulatinamente, esta plataforma da cultura digital veio se integrando a cultura escolar, onde ganhou novos contornos e possibilidades de usos na prática docente. Este artigo tem como objetivo apresentar as diversas formas que os vídeos de história no YouTube podem ser utilizados para fins educacionais, percorrendo as diversas áreas do ensino formal, não formal e informal. Pretendemos dialogar sobre as diferentes naturezas e tipologias dos vídeos, seus contextos e como o conhecimento histórico é integrado a partir desses elementos.

Palavras-chave: Ensino de história. YouTube. Cultura digital.

Abstract: YouTube is a website that receives, displays, and shares online videos, and it is the second most accessed website in the world, second only to Google, the company that has been managing it since 2006. This paper intends to present the different ways that history videos on YouTube can be used for educational purposes, covering the several areas of formal, non-formal, and informal education. We plan to discuss the different natures and typologies of the videos, their contexts, and how historical knowledge is integrated from these elements.

Keywords: History teaching. YouTube. Digital culture.

Resumen: La plataforma YouTube es un sitio web que recibe, exhibe y comparte vídeos on-line, siendo el segundo sitio web más visitado del mundo, superado por Google, la empresa que lo administra desde 2006. Esta plataforma de cultura digital se ha integrado, gradualmente, en la cultura escolar, donde ha adquirido nuevos contornos y posibilidades de uso en la práctica docente. Este

¹ Artigo submetido à avaliação em janeiro de 2023 e aprovado para publicação em maio de 2023.

artículo pretende presentar las distintas formas en que los vídeos de historia de YouTube pueden utilizarse con propósitos educativos, abarcando los distintos ámbitos de la educación formal, no formal e informal. Pretendemos dialogar sobre las diferentes naturalezas y tipologías de los vídeos, sus contextos y cómo se integra el conocimiento histórico a partir de estos elementos.

Palabras clave: Enseñanza de Historia. YouTube. Cultura digital.

Introdução

O YouTube é um site criado em 2005 por Chad Hurley, Jawed Karim e Steve Chen, antigos funcionários do PayPal, interessados em disponibilizar um meio para exibir e compartilhar vídeos nas redes sem a necessidade de baixá-los ou limitá-los ao tamanho dos e-mails da época. A partir dessa demanda, surgiu o maior repositório audiovisual da internet, com bilhões de usuários, milhões de horas assistidas e conteúdo disponibilizado diariamente, um verdadeiro fenômeno da cultura digital, que modificou relações sociais, gerou impactos econômicos e reformulou o consumo de entretenimento on-line.

Não apenas no campo das relações cotidianas em interfaces digitais, o YouTube foi se aproximando ao contexto da cultura escolar por meio de algumas forças centrífugas, como a expansão do acesso à internet, uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação nas salas de aula como ferramentas didáticas e parte da cultura juvenil contemporânea. Isso posto, podemos buscar compreender o YouTube como um campo no qual se ensinam e se aprendem diversos conhecimentos. Entre eles, para o nosso caso, o conhecimento histórico também está inserido.

O YouTube constitui um recurso de vasta amplitude, tanto pelo seu potencial como acervo de produções audiovisuais de diferentes épocas quanto também pela diversidade de gêneros. Enquanto mídia, promove o armazenamento, a exposição e a disseminação dos conteúdos, abrindo espaço para vários direcionamentos didáticos para o professor de História. Sobre a pluralidade de fontes, Bispo e Barros dizem que:

A existência do Youtube trouxe vantagens através da oferta de vídeos curtos e disponibilização de arquivos de imagens e sons raros, como um discurso de um ditador, um clipe de música antigo, partes de documentários que integram o discurso oral com a apresentação de vídeos. [...] é muito importante oferecer a possibilidade ao professor de montar seus materiais e guardá-los nas nuvens (on-line) (BISPO; BARROS, 2016, p. 862).

O YouTube, enquanto mídia digital, deve ser analisado como parte do panorama contemporâneo que viabiliza a postagem de produções audiovisuais de diferentes

temporalidades, elaborados em diferentes partes das redes e também fora destas. Assim, o professor precisa entender a natureza de cada produto audiovisual, o seu público, a sua linguagem, o aspecto técnico e seu direcionamento, seja ele um curta-metragem da década de 1930, uma aula gravada voltada para vestibulares ou uma entrevista com um determinado pesquisador.

Na visão de Serrano:

A linguagem audiovisual é uma importante ferramenta, que também poderá ser complementar, despertar o interesse e a assimilação do aluno sobre determinado tema, resultando em um contexto de interação entre aluno e professor. O uso da imagem no processo pedagógico mostra outra realidade, que poderá ser de diferentes épocas e lugares (SERRANO, 2015, p. 16).

Para Moran (1995, p. 27):

O vídeo ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional.

Acreditamos que a atração baseada na ilustração dos signos audiovisuais é um importante fator que trabalha a capacidade imaginativa e sensorial para a reflexão histórica. Porém, é preciso estar ciente dos critérios e das estratégias que são demandadas ao utilizar os recursos didáticos dos vídeos depositados no site do YouTube para o ensino de História. Segundo Betetto (2011, p. 32):

Sempre devem ser considerados como aspectos essenciais um planejamento e objetivos pré-estabelecidos pelos professores. Além disso, também não podem ser desconsiderados os objetivos que permeiam esse planejamento e a concepção que se tem sobre a educação.

Bittencourt demanda do professor uma leitura atenta do perfil dos alunos a quem o vídeo será apresentado como recurso, oferecendo uma metodologia baseada em três procedimentos básicos que podem ser resumidos da seguinte forma: descobrir os critérios de seleção dos alunos para vídeos de uma forma em geral (do que gostam, tipos de vídeo, o que procuram quando veem); questionar a natureza da produção audiovisual (o que é um filme, uma videoaula, um *vlog*, um documentário? Como se produz uma matéria de TV? Quem assessora as celebridades do YouTube?); e a introdução do vídeo que será trabalhado em sala de aula (BITTENCOURT, 2005, p. 376).

Mauad e Dumas compartilham a preocupação do historiador com o arquivo no

qual estão depositadas as fontes históricas audiovisuais, pois “[...] o arquivo onde as imagens estão depositadas é uma espécie de epílogo na biografia de uma imagem. Entretanto, para o historiador, o arquivo é o ponto de partida na reconstrução da trajetória da imagem e no seu tratamento como fonte histórica” (MAUAD; DUMAS, 2011, p. 84). Da mesma forma, este arquivo é o YouTube e o professor de história opera este tratamento.

Ele também deve considerar a dimensão do documento na aula de História, justamente por possuir uma dupla função metodológica: suporte informativo e fonte. Entende-se o primeiro como tudo o que se tem por finalidade a comunicação de conteúdos e informações relativas a uma disciplina (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 90). Nesse sentido, uma videoaula do YouTube está igualmente circunscrita nessa dimensão de suporte informativo. Já, para fonte, define-se o sentido clássico de fragmentos do tempo passado, que são manejados e interpretados pelos historiadores.

Acreditamos que o YouTube pode ser utilizado para a exploração de diversas formas documentais para a História, seja como amparo de informações ou vestígios de diferentes épocas para seu uso em sala de aula. Assim, o tradicional registro escrito pode ser ampliado para:

Introduzir o aluno na compreensão de documentos iconográficos, fontes orais, testemunhos da história local, além de linguagens contemporâneas, como cinema, fotografia e informática. Mas não basta o professor ampliar o uso dos documentos; também deve rever seu tratamento, buscando superar a compreensão de que ele serve apenas como ilustração da narrativa histórica e de sua exposição, de seu discurso (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 95)

Schmidt e Cainelli (2004, p. 109), no entanto, destacam que as linguagens contemporâneas (fotografia, cinema, televisão e informática) trouxeram novos desafios para o ensino de História. A compreensão e a incorporação dessas linguagens as direcionaram para a sua legitimação enquanto fontes históricas, demandando uma nova constituição de documento. Assim, o vídeo digital, incluído como linguagem audiovisual pertencente à informática, representa para o professor uma nova oportunidade para refletir sobre os seus recursos e fontes.

Veremos abaixo uma reflexão sobre três possibilidades para a utilização do conteúdo audiovisual presente na plataforma como recurso didático e documento histórico, seja como suporte informativo ou fonte. Pensamos essas estratégias voltadas para o ensino formal da educação básica, especificamente para as turmas de Ensino Médio, e que podem ser aplicadas tanto em sala de aula (presencialmente em horário regular), de maneira

complementar (atividade em horário extraescolar) ou como projeto pedagógico. Consideramos como diretrizes curriculares para a sugestão dos conteúdos do YouTube a serem explorados nas estratégias abaixo a Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Acervo on-line de fontes históricas

Indicamos que a primeira estratégia básica para a utilização da plataforma é quase sempre dimensioná-la como um grande arquivo histórico on-line, recheado de cenas, imagens, filmes, discursos, músicas. Com poucos cliques e palavras-chave adequadas, os professores chegam a uma possível fonte histórica, que servirá de crítica, embasamento ou exemplificação para o tema da aula. Barros (2016) distingue as fontes históricas audiovisuais em primárias e secundárias:

Os vídeos como fonte podem ser entendidos como fontes primárias ou secundárias, por exemplo, um vídeo documentário faz uso de fontes primárias, mas é uma fonte secundária, pois pretende retratar algo do passado. Nesse exemplo, um pronunciamento do presidente Geisel de 1975 é uma fonte primária, pois retrata o contexto da Ditadura (BARROS, 2016, p. 12).

Seria então mais impactante ler, por exemplo, o discurso do presidente João Goulart no Comício da Central do Brasil, em 1964, ou ouvi-lo diretamente em alto e bom tom? Um texto descritivo do cotidiano do cangaço poderia se aliar a cenas do bando de Lampião gravadas por Benjamin Abrahão? Todos os dois exemplos se encontram depositados no YouTube, em mais de um canal, e sim, são possibilidades reais. Os professores devem agir como mediadores entre as fontes e os estudantes, instigando a leitura e a interpretação da historicidade do objeto audiovisual retratado. Na visão de Ulpiano Meneses (2003, p. 26) “[...] não se estudam fontes para melhor conhecê-las, identificá-las, analisá-las, interpretá-las e compreendê-las, mas elas são identificadas, analisadas, interpretadas e compreendidas para que, daí se consiga um entendimento maior da sociedade”.

As ferramentas audiovisuais (fonte primária, cinema, documentário, filme, televisão, entre outros) geram um impacto cognitivo, pois promovem uma miscelânea de interações e percepções, contribuindo para o processamento informativo consciente e inconsciente. Mas não basta apenas a sinestesia de experimentações sensoriais, ou, uma “[...] aprendizagem pelos olhos” (BITTENCOURT, 2005, p. 372). O registro audiovisual é, ainda

assim, uma fonte histórica e precisa ser colocada em análise crítica, tanto na forma que os professores a utilizam como recurso pedagógico quanto na leitura que os estudantes fazem do objeto. As intencionalidades, as formas de poder, os símbolos, a arquitetura do registro audiovisual, entre vários outros aspectos, demanda análise. Para Schmidt (2005, p. 225):

Assim como a fotografia (imagem imóvel), o cinema (imagem móvel) é uma linguagem contemporânea que exige cuidados especiais no seu uso na sala de aula. Alguns aspectos precisam ser mencionados como: a necessidade do conhecimento da historiografia do cinema; estudos sobre a presença da história no cinema; da presença do historiador no cinema; a questão dos documentários históricos e a construção da memória (ou da memória em ruínas); o cinema e a formação da consciência histórica e, finalmente, os aspectos que envolvem a especificidade do uso do filme no ensino de História.

Na visão de Napolitano (2005, p. 236):

As fontes audiovisuais (cinema, televisão e registros sonoros em geral) são consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual seja, o registro direto de eventos e personagens históricos. Por outro lado, as fontes audiovisuais de natureza assumidamente artística (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças musicais) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta, impressões estéticas de fatos sociais objetivos que lhes são exteriores.

Faz-se necessário compreender, na visão do autor, os mecanismos de representação da realidade e suas estruturas de linguagens. A leitura dessas fontes demanda um conhecimento técnico prévio, do qual o historiador, para nosso caso o professor de História, precisa estar familiarizado.

A primeira decodificação é de natureza técnico-estética: quais os mecanismos formais específicos mobilizados pela linguagem cinematográfica, televisual ou musical? A segunda decodificação é de natureza representacional: quais os eventos, personagens e processos históricos nela representados? Na prática, essas duas decodificações não são feitas em momentos distintos, mas à medida que analisamos a escritura específica do material audiovisual ou musical, suas formas de representação da realidade vão tornando-se mais nítidas, desvelando os 'fatos' social e histórico nela encenados direta ou indiretamente (NAPOLITANO, 2005, p. 238).

Por isso, recomenda-se evitar o uso das fontes históricas audiovisuais como um complemento didático, uma ilustração objetiva que ratifica a narrativa construída por meio de seu suposto peso de realidade. A fonte não fala por si, não é um "[...] registro mecânico da

realidade (vivida ou encenada) ou da pretensa subjetividade impenetrável do documento artístico-cultural” (NAPOLITANO, 2005, p. 239).

Nessa perspectiva, os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder as indagações e as problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 117 *apud* FARIAS JUNIOR, 2012, p. 4).

O professor de História, ao utilizar os vídeos com trechos, recortes, passagens de registros audiovisuais que estão presentes no YouTube, deve estar atento à reflexão historiográfica, os seus métodos e implicações, levando as imagens a seus contextos situacionais (MENESES, 2003, p. 28). O saber como usar é um conhecimento metodológico fundamental e de natureza prática (BISPO; BARROS, 2016, p. 868), que permeia o universo das tecnologias digitais de informação e comunicação, sobretudo, o trabalho do ensino de História em vídeos:

Na perspectiva da moderna prática historiográfica, nenhum documento fala por si mesmo, ainda que as fontes primárias continuem sendo a alma do ofício de historiador. Assim, as fontes audiovisuais e musicais são, como qualquer outro tipo de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidência e representação. Em outras palavras, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis (NAPOLITANO, 2005, p. 240).

O presente estudo de Napolitano coincide com o ano de criação do site do YouTube (2005), porém, as considerações feitas em relação ao território da internet e suas amplitudes de busca, pesquisa, depósito e circulação de informações permitem demonstrar uma relação próxima entre os materiais audiovisuais disponíveis no mundo digital e a pesquisa histórica, bem como o próprio ensino de História:

A rede mundial de computadores representa grande apoio a historiadores, sobretudo àqueles que não têm acesso às grandes instituições de coleta e preservação dos acervos audiovisuais. A internet, no entanto, é mais um depósito de informações, um grande arquivo virtual de referência, do que um arquivo material de fontes primárias. O pesquisador iniciante deve ter muito cuidado com a pesquisa na internet, pois muitos websites não citam referências ou atestam a origem dos documentos transcritos (NAPOLITANO, 2005, p. 264-265).

Acreditamos que a visão expressa pelo autor se encontra bastante circunscrita ao contexto histórico do fim da Web 1.0. Ao encararmos o YouTube como um arquivo de conteúdos audiovisuais da cultura participativa da sociedade de rede, nos é permitido dizer que houve um momento de mudança com a transformação da plataforma em um ambiente de negócios digitais (*e-commerce*). A política de direitos autorais, a veiculação de patrocínios e propagandas, bem como a adição de ferramentas mais elaboradas de pesquisa (filtros, seções, tags, entre outros) deu ao YouTube uma maior prospecção na listagem de conteúdo. Contudo, o site não faz qualquer mediação de conteúdos não originais ou de falsa procedência. Portanto, ao utilizar o YouTube para o trabalho didático com fontes históricas primárias ou secundárias, o professor deve exercitar uma metodologia baseada na curadoria dos recursos selecionados. Nesse sentido, a curadoria pode ser entendida como seleção, mediação e socialização de saberes.

Pensamos que o uso de vídeos do YouTube como fontes históricas para ilustração ou sua problematização em aula segue uma tendência entre o processo de ensino e aprendizagem da cibercultura: a supervalorização da interação direta com os conteúdos imagéticos e o papel secundário do saber textual escrito. Afinal, ainda que a impressão e a venda de livros cresçam a cada ano, fortalecendo o mercado editorial, o fascínio das imagens torna as mídias digitais cada vez mais sedutoras (SIBÍLIA, 2012, p. 63). Na visão da autora, a cultura letrada da qual a instituição escolar fundamentou-se, vem encontrando forte declínio em relação a simbologia das tecnologias audiovisuais (SIBÍLIA, 2012, p. 64).

As imagens precisam saltar aos olhos, o áudio deve penetrar a consciência, é fundamental levar a experiência sinestésica do mundo digital até a comunhão de sensações que transformam os eventos do cotidiano em espetáculos audiovisuais. Observamos essa perspectiva como é fruto de uma soma de experiências midiáticas de meados do século XX, sobretudo, a televisão e o cinema (SIBÍLIA, 2012, p. 63).

A experiência da aprendizagem audiovisual é bastante importante, inclusive na dimensão do saber prático. Estudantes que aprendem enquanto observam, escutam e praticam têm maior grau de compreensão entre aqueles que apenas observam ou observam e escutam, apenas (DEWITT *et al.*, 2013, p. 1.119). Uma aproximação entre a experiência do documento histórico audiovisual e os alunos precisa ser bastante dosada. Pensamos que a aprendizagem mediada pelas produções encontradas no YouTube, aliada à experiência da aprendizagem em rede, pode ser exitosa no desenvolvimento de diversas habilidades relacionadas ao conteúdo audiovisual. Esse desenvolvimento, no entanto, deve ser pensado a partir das estratégias didáticas planejadas pelo docente como forma de conjunção entre ensino e pesquisa da

História, trazendo as fontes históricas ao debate e sua análise crítica:

É preferível, portanto, considerar a fotografia (e as imagens em geral) como parte viva de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções. O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas, entre várias outras. A mesma imagem, portanto, pode reciclar-se, assumir vários papéis, ressemantizar-se e produzir efeitos diversos (MENESES, 2003, p. 29).

Acervo de videoaulas de História

A segunda estratégia didática consiste na possibilidade de utilizar vídeos de outros professores dedicados à produção de conteúdo nos canais sobre ensino de História. Popularmente, esse tipo de vídeo é caracterizado como videoaula, pois, diferentemente das produções presentes no YouTube como documentários, *vlogs*, vídeos de opinião ou jornais, ele demonstra uma arquitetura instrucional e se desenvolve a partir dos saberes pedagógicos. Segundo Machado (2017, p. 17), a videoaula “[...] trata-se de uma ferramenta que está impregnada das características da sala de aula, mas carrega novas possibilidades como, por exemplo, a união de efeitos audiovisuais a animações”. Portanto, são reconhecidos como uma extensão da educação formal ou parte da educação não formal, produzidos por professores detentores de saberes curriculares.

O gênero da videoaula torna-se presente não apenas no YouTube, mas em outros núcleos do mundo digital, como as plataformas de Ensino a Distância (EaD). No entanto, não trataremos desse tipo de vídeo como pertencente ao ramo dos cursos EaD pelas diferenças estruturais (chat, fóruns, ambientes virtuais de aprendizagem etc.), midiáticas (plataforma aberta x plataforma pré-definida, periodicidade de postagem) e financeiras (gratuidade). Concordamos com o não enquadramento das videoaulas do YouTube como uma forma de EaD ou *e-learning*, pois:

A videoaula veiculada pelo YouTube não pode ser confundida com a modalidade EaD, ou *E-learning*, por vários motivos. A modalidade EaD é institucional, segue um currículo e um regulamento que prevê formas de avaliação [...]. A videoaula do YouTube não tem nenhum compromisso formal e também não é mediada por nenhuma instituição educacional. A não ser, é claro, quando é uma instituição que forma um canal no YouTube. Nesse caso, ela faz isso para divulgação, e não para formação. Ela passa informação sem o compromisso de gerar conhecimento (RAMOS NETO; SÁ, 2019, p. 174-175).

Assim como os demais vídeos do site, aqueles que fazem parte desse nicho de produção pretendem oferecer uma variedade de formas de comunicação e recursos de seus conteúdos e, conseqüentemente, oportunidades distintas de trabalhar o ensino da História e outros conhecimentos escolares e curriculares. Segundo Bonini-Rocha e outros (2014, p. 48):

Tomando-se como exemplo as tecnologias de vídeo como recurso de ensino, a vídeo aula é capaz de integrar múltiplas mídias e linguagens, com superposição de códigos e significações predominantemente audiovisuais, apoiadas no discurso narrado e escrito. Tem a vantagem de documentar um conhecimento, enquanto comunica de forma similar e/ou complementar ao que é disponibilizado em sala de aula, tendo em vista atingir determinados objetivos de ensino.

Constatamos recorrentemente que professores e alunos podem utilizar as videoaulas armazenadas no YouTube de maneiras distintas e simultâneas, síncronas e assíncronas. Elencaremos dois modelos: o vídeo como um apêndice da aula para revisões e aprofundamento dos conteúdos abordados, isto é, um recurso didático além do tempo regular (chamaremos de Videoaula Complemento); o vídeo como elemento condutor do processo de ensino, exibindo o vídeo dentro do tempo de aula (chamaremos de Videoaula Fonte). Não trataremos da videoaula presencial e virtual, isto é, a videoconferência, pois iremos admitir que esta estratégia pedagógica funciona como um recurso utilizado por um professor presencial da educação básica.

De acordo com Araújo e Chaves (2015 *apud* MACHADO, 2017, p. 18), “[...] a videoaula como recurso didático, assume um papel de material de suporte por ser versátil podendo variar sua utilização direcionada à sala de aula como também fora dela, para anteceder uma aula presencial ou para complementar uma aula já dada”.

De toda maneira, para todos esses casos, a figura do professor mediador volta ao debate para assumir o seu papel no direcionamento dos trajetos pedagógicos a serem percorridos dentro da mídia digital do YouTube. Na visão de Borges e Kamigouchi (2020, p. 43), “o professor no papel de mediador age colocando conhecimento histórico acadêmico em movimento. Traz como instrumento à sua prática docente ideias concebidas no contexto científico, e impacta as concepções prévias dos estudantes”.

Já para Silva e Vieira (2018, p. 2) “[...] a espaciotemporalidade dos recursos midiáticos interativos exige maior planejamento e cuidado na seleção de conteúdos relativos à realidade do estudante e a necessidade de acompanhamento do professor/tutor para se estabelecer uma mediação mais efetiva”. Desse modo, a formação para o ensino com mídias se torna essencial para sua prática e enriquecimento do ensino. Afinal:

Em sítios como youtube.com as videoaulas ganharam um lugar de destaque e hoje existem aulas e tutoriais para praticamente tudo que se possa imaginar. Nesse mar de informação, devemos saber se os educandos realmente utilizam esta ferramenta, e se a utilizam, devemos perguntar de que maneira o fazem e com qual frequência (MACHADO, 2017, p. 19).

Podemos ver que novas ordens vão se estruturando dentro do processo de ensino e aprendizagem por intermédio do aspecto rizomático da cultura das redes. Caso seja necessário revisar o que foi aprendido ou não na aula de História, recorre-se aos vídeos dos canais no YouTube. Caso aconteça o inverso, e os vídeos despertem curiosidades ou dúvidas, é natural que os estudantes recorram ao professor para buscar mais explicações (SILVA, 2016, p. 77). Ou seja, as sequências de ensino e aprendizagens são alteradas e levam a outros lugares e a novas informações, os alunos usam o universo digital e o mundo tangível para completar o processo da aprendizagem, rompendo com uma linearidade tradicional (PAVANATI; SOUSA, 2011, p. 1). Não é à toa que observamos uma forte relevância na conexão entre jovens, YouTube e as videoaulas, já que elas “[...] se estabelecem como um veículo de informação que têm abrangido um número gigantesco de pessoas. Isso pode ser verificado nos índices de visualizações dos vídeos postados onde alguns ultrapassam a ordem dos cem mil acessos” (MACHADO, 2017, p. 13). Além disso:

Prepara os alunos para uma nova dinâmica de sala de aula, reforçando e complementando seus conhecimentos acerca dos temas em questão. Essas abordagens se aproximam daquilo que se costuma denominar de modalidade híbrida flexível, a qual procura combinar os elementos mais adequados das duas modalidades, presencial e não presencial (BONINI-ROCHA *et al.*, 2014, p. 52).

É fundamental analisarmos a Videoaula Complemento e a Videoaula Fonte abordando as implicações mais gerais e que são comuns aos dois tipos. Devemos perceber que ambos constituem materiais pedagógicos que foram produzidos por terceiros, assim como quase todos os outros que circulam a prática docente (filmes, documentários, livros didáticos, paradidáticos, apostilas etc.). A utilização de vídeos de outros professores pode ser uma opção interessante na medida que o professor não possui condições financeiras, técnicas, logísticas ou metodológicas para produzir seus próprios vídeos, aderindo ao YouTube e outros websites de compartilhamento de vídeos (BERGMANN; SAMS, 2016, p. 32).

No caso da Videoaula Complemento, segundo as estatísticas organizadas por Machado (2017, p. 22), existe uma forte predominância do uso das videoaulas para a revisão dos conteúdos passados pelo professor quando se trata de estudantes da 3ª série do Ensino

Médio. No entanto, o estudo aponta que esse recurso de estudo é relativamente baixo comparado a outros métodos analógicos, diante de um quadro de pouca frequência e estabilidade no acesso à internet. De qualquer modo, essa modalidade da videoaula do YouTube precisa estar circunscrita como um material de apoio que consiga atingir os objetivos de aprendizagem (SILVA; VIEIRA, 2018, p. 2), fugindo da mera indicação ausente de problematização das circunstâncias da produção do vídeo.

Acreditamos que dois princípios devem guiar a utilização da Videoaula Fonte: o reconhecimento da pluralidade de visões e narrativas históricas no processo de ensino; e o estímulo a análise comparativa entre as diferentes metodologias docentes. Diferentemente do uso das fontes históricas audiovisuais, que podem proporcionar diferentes leituras através dos registros históricos ou da pesquisa historiográfica, a videoaula se encontra no ensino de História, proporcionando uma percepção não apenas da epistemologia da ciência histórica, mas da construção didática do conhecimento histórico. Em resumo, a própria videoaula torna-se uma fonte para a problematização de como se constrói e veicula os saberes da disciplina História.

Ensino por meio da oficina de produção de vídeo

A última estratégia para o ensino de História utilizando o YouTube refere-se a um campo que vem sendo desenvolvido por alguns trabalhos e pesquisas acadêmicas já há alguns anos: a produção de vídeos como culminância de projetos pedagógicos ou oficinas. Delimitaremos os gêneros desses vídeos como documentários, filmes e videoaulas, que são confeccionados a partir da cooperação entre professores e alunos, e dividiremos a análise dessa estratégia sob dois aspectos: a importância da produção audiovisual como recurso didático para o ensino de História e a mobilização de alunos e professores nas aulas-oficinas. Em relação ao que foi anteriormente exposto nas duas estratégias mencionadas, essa terceira análise possui um direcionamento inverso, pois estamos lidando com uma proposta de produção de vídeos para a plataforma do YouTube, não a utilização de vídeos devidamente prontos e depositados no site.

Vargas, Rocha e Freire (2007, p. 2) destacam que há diversos pontos na integração entre a proposta de produção de vídeos e a educação: desenvolvimento do pensamento crítico, transformando alunos em consumidores críticos; promoção da expressão da comunicação, promovendo a diminuição da timidez dos alunos; favorecimento de uma visão interdisciplinar, as atividades interligam diversas disciplinas na esfera da comunicação;

integração de diferentes capacidades e inteligências, mobilizando diversas habilidades e aptidões; valorização do trabalho em grupo, demandando colaboração, esforço em conjunto, tomada de decisões, com responsabilidade.

Notemos que muitos professores que recorrem a criação audiovisual como produto pedagógico creem que estão se conectando satisfatoriamente ao universo educacional das TDICs, proporcionando uma experiência autoral que disponibiliza um conjunto de ferramentas e técnicas aos seus alunos:

Ambros y Breu (2011, p. 118) indicam que o aumento da acessibilidade à manipulação digital permite aos estudantes exercer um maior controle criativo que antes não era possível, e além disso, permite explorar alguns aspectos conceituais do processo de produção, como a seleção e produção de imagens, de uma maneira mais direta e concreta (RUBIO; NAVARRO, 2014, p. 33).

Os autores acima reforçam algumas ideias importantes sobre a produção fílmica em sala de aula e como os estudantes podem aprender. Primeiramente, os alunos precisam saber o porquê de estarem gravando, isto é, as estratégias pedagógicas têm de estar claras e bem delimitadas. Em segundo, a escola enquanto espaço de socialização, deve ser capaz de mobilizar a comunidade para a recepção das produções audiovisuais. Por fim, deve-se valorizar a experiência criativa presente neste contexto. Segundo a proposta apresentada na pesquisa, os autores ressaltam que “[...] os alunos serão capazes de se desenvolverem de forma profissional e pessoal no mundo digital despertando sua capacidade de investigar, obter, avaliar, organizar e compartilhar informações em contextos digitais” (RUBIO; NAVARRO, 2014, p. 34).

Segantini (2016, p. 8) aponta que:

Trabalhar com a produção de vídeos no ambiente escolar tem uma alteração em sua dinâmica e organização no processo de ensino aprendizagem. O aluno sai da sua carteira e passa agora a analisar, pesquisar e produzir, deixando de ser ouvinte e transformando-se em produtor de conteúdo. O tradicional ensino de história, onde um livro é aberto e as leituras são realizadas, aqui abrem espaço para a escolha de uma fonte histórica, a produção de uma narrativa sobre essa fonte, e por fim, a produção de um vídeo sobre aquilo que fora investigado, quebrando significativamente o modo de ensinar história. Nesse formato o aluno passa a ser pesquisador de história.

Sales (2011) nos relembra da problemática das intencionalidades, da construção de narrativas ficcionais e não-ficcionais presentes no universo audiovisual:

Para trabalhar o documentário com os alunos, propõe-se que ele não seja utilizado para ilustrar, mas para apresentar o fazer histórico, como a história é feita e suas diversas formas de escrita, comparando-o ao fazer documentário. Isso colocado, há de se lembrar que qualquer profissional da educação que queira utilizar algum recurso audiovisual em sala de aula deve ter um mínimo de conhecimento técnico sobre o assunto. Negar tal saber é cair na armadilha de um cine-ilustração. Os recursos audiovisuais (dentre eles, o documentário) devem gerar um novo conhecimento, e não simplesmente interpretações superficiais (SALES, 2011, p. 242-243).

Pensamos que esses trabalhos se interligam com a proposta da aula-oficina (BARCA, 2004) como metodologia para o desenvolvimento do conhecimento histórico aliado aos saberes práticos, onde se espera que o professor:

Selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer (BARCA, 2013, p. 2).

Tal metodologia exige que o professor esteja atento ao que pretende desenvolver (em nosso caso, a produção audiovisual de História) e como desenvolver (objetivos, saberes a serem desenvolvidos, planos de trabalho etc.). “Os planejamentos das aulas deveriam, portanto, serem feitos de maneira cuidadosa, o que contribuiria para promover uma aprendizagem sistematizada e não apenas comprometida com a aquisição dos conteúdos” (CAINELLI; TOMAZINI, 2017, p. 18).

Nessa perspectiva, o aluno é encarado como agente transformador e detentor de saberes prévios, ao mesmo tempo em que o professor se compõe como pesquisador social e organizador de atividades voltadas para a problematização. O saber torna-se multifacetado (senso comum, epistemologia, ciência), assim como as estratégias envolvem recursos diversos. Em nosso caso, estamos lidando com a produção audiovisual de documentários, filmes e videoaulas que serão depositadas e compartilhadas no YouTube. Para Dias (2014, p. 3):

Todo este processo pode estimular nos alunos capacidades de participação, de iniciativa e de reflexão. Acredita-se que a aprendizagem é um processo ativo, e o desenvolvimento de atividades de quem aprende é uma característica mais importante deste processo. A preparação de uma aula-oficina deve privilegiar a lógica em que o aluno é o agente da sua formação.

Devemos pensar o YouTube como um lugar da sociedade de rede em que a cultura digital se encontra com o fazer histórico. Entre acervos de fontes do passado e redes de sociabilidade on-line, cai por terra qualquer possibilidade ou tentativa de monopolização dos discursos e do conhecimento histórico, assim como a produção e a veiculação por parte do historiador e do professor de História. As narrativas podem ser divulgadas por qualquer um que esteja disposto a criar um canal e gravar sua comunicação audiovisual, com ou sem formação, com ou sem produção profissional. Pensamos as estratégias da produção de vídeos como uma possibilidade de interligar estes pontos da cultura participativa, a disputa pelas narrativas no mundo digital e o ensino dos procedimentos metodológicos presentes no conhecimento histórico.

Na visão de Mauad e Duma (2011, p. 81), “[...] para que a ‘vídeo-história’ se apresente como uma operação historiográfica, esta narrativa deve ser, ao mesmo tempo, o produto final de uma investigação historiográfica e um produto audiovisual capaz de transmitir as informações e análises desejadas” Isto é, deve existir uma conexão entre a pesquisa histórica, sua metodologia e a produção técnica do vídeo, permitindo que a linguagem audiovisual seja construída pelas fontes que a sustentam (MAUAD; DUMA, 2011, p. 90).

Estudantes aprendem e também ensinam sobre os conhecimentos históricos adquiridos (em livros, aulas ou outros vídeos). Indivíduos sem formação, curiosos, munidos de ideologias, agora podem produzir um conhecimento histórico digital e de amplo alcance, bastando conhecer os meandros do YouTube e seus elementos comunicacionais: uma boa atratividade audiovisual, estimular a conectividade e compartilhar seu produto em multimídia. Daí a importância do professor em restabelecer os critérios metodológicos no desenvolvimento dos conhecimentos históricos que serão trabalhados na produção audiovisual durante a aula-oficina.

Considerações finais

Há uma boa diversidade de possibilidades para se recorrer pedagogicamente aos vídeos do YouTube que abordam o conhecimento histórico –seja como uma experiência de produção de vídeos ou consumo destes, um complemento da aula dentro do espaço escolar, ou um recurso dentro do próprio espaço do professor. Há, portanto, uma clara utilização dos recursos audiovisuais da plataforma para se debater sobre o passado.

Professores de História têm apresentado inovações metodológicas e interessantes

manuseios de recursos que envolvem o audiovisual contido no YouTube. O campo do ensino de História vem formulando gradativamente questionamentos e pesquisas que tratam sobre o tema, os estudos ainda são incipientes e demandam uma visão horizontal, utilizando outras áreas das Ciências Humanas. O fenômeno do ensino por meio de mídias digitais demanda, portanto, novos olhares para suas possibilidades e limitações.

Referências

Bibliografia

BARCA, I. Aula oficina: do projeto à avaliação. *In: JORNADA DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA*, 2004, Braga. *Anais [...]*, Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED), Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.

BARCA, I. Isabel Barca fala sobre o ensino de História. *Nova Escola*. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-o-ensino-de-historia>. Acesso em: 29 maio 2023.

BARROS, A. R. O uso de vídeos do YouTube como fonte histórica por meio da aula oficina. *In: PARANÁ*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor: PDE 2014*. Curitiba: SEED/PR, 2016. v.1, p. 1-32. (Cadernos PDE).

BERGMANN, J., SAMS, A. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Rio Janeiro: LTC, 2016.

BETETTO, J. R. *O uso do vídeo como recurso pedagógico: conceitos, questões e possibilidades no contexto escolar*. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

BISPO, L. M. C.; BARROS, K. C. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de História. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 11, n. 3, p. 856-877, 2016.

BITTENCOURT, C. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BONINI-ROCHA, A. C.; OLIVEIRA, L. F. DE; ROSAT, R. M.; RIBEIRO, M. F. M. Satisfação, percepção de aprendizagem e desempenho em vídeo aula e aula expositiva. *Ciências & Cognição*, v. 19, n. 1, p. 47-57, mar. 2014.

BORGES, M. K; KAMIGOUCI, T. H. M. Do Youtube à escola: transformações nas práticas docentes dos professores de história, provocadas pelo acesso de estudantes a conteúdos de história veiculados por youtubers. *Media Education – Firenze University Press.*, v. 11, n. 1, p. 37-47, 2020.

CAINELLI, M. R. TOMAZINI, E. C. S. A aula-oficina como campo metodológico para a formação de professores em história: um estudo sobre o Pibid / História / UEL. *História & Ensino, Londrina*, v. 23, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2017

DEWITT, D. *et al.* The potential of Youtube for teaching and learning in the performing arts. *Procedia: social and behavioral sciences*, v. 103, p. 1.118-1.126, 2013.

DIAS, L. E. S. P. *A Metodologia da Aula-Oficina no Ensino da História e da Geografia*. Relatório de Estágio (Mestrado em Ensino da História e da Geografia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

FARIAS JUNIOR, J. P. Estratégias de leitura para fontes históricas escritas na educação básica. *Camine*, Franca, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2012.

MACHADO, D. V. *Aplicação de videoaulas complementares e a análise do seu emprego no processo de ensino-aprendizagem em física no ensino médio*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MAUAD, A. M.; DUMAS, F. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 34-56.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo: ECA-Ed. Moderna, n. 2, p. 27-35, jan./abr. 1995.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 235-290.

PAVANATI, I. SOUSA, R. P. L. História digital, ensino de história e tecnologias de comunicação digital. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais[...]*. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-14.

RAMOS NETO, J. O.; SÁ, J. P. Ensino de História e educação não formal: o fenômeno das videoaulas do YouTube. *Tecnia*, v. 4, n. 1, p. 170-184, jun. 2019.

RUBIO, J. C. C.; NAVARRO, Y. A produção de documentários como recurso didático TIC para o ensino de geografia e história: metodologia e proposta de trabalho. *Giramundo: revista de geografia do Colégio Pedro II*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 31-28, jan./jun., 2014.

SALES, E. O documentário na sala de aula: uma verdade absoluta para o aluno? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais[...]*. Fortaleza: ANPUH, 2011. p. 1-6.

SCHMIDT, M. A. História: construindo a relação conteúdo método no ensino de História no Ensino Médio. In: KUENZER, A. (org.). *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2005. p. 203-2030.

SCHMIDT, M. A. M. S.; CAINELLI, M. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

SEGANTINI, V. T. Estudando história na prática: produção de vídeos utilizando telefones celulares a partir de uma fonte histórica. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor: PDE 2016*. Curitiba: SEED/PR, 2018. v.1, p. 1-22. (Cadernos PDE).

SERRANO, K. E. *O uso das mídias no ensino de história para os anos finais do ensino fundamental*. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SIBÍLIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, M. P. O. *YouTube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, R. C.; VIEIRA, E. A. O. Videoaula como parte da mediação da aprendizagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR À DISTÂNCIA, 15; CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR À DISTÂNCIA, 4., 2018, Natal. *Anais[...]*. Natal, 2018. p. 1-11.

VARGAS, A.; ROCHA, H. V.; FREIRE, F. M. P. Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional. *Revista Renote: novas tecnologias de educação*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 1-13, dez. 2007.